

**ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA
DO CONCEITO DE ESPAÇO PÚBLICO
ATRAVÉS DAS LEITURAS DAS OBRAS DE
GILBERTO FREYRE E SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA**

Renato da Silva (UNIGRANRIO)
redslv333@gmail.com

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar a configuração do espaço público no Brasil através de duas obras clássicas da historiografia nacional: *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda (1936) e *Sobrados e Mucambos* (1936) de Gilberto Freyre. Analiso esses dois importantes trabalhos de forma não comparativa. Considero as idéias principais desses dois autores uma agenda específica de estudo sobre a formação da sociedade brasileira. Neste sentido, apresentarei separadamente os pontos principais destes dois livros, que nos ajudarão a compreender melhor o processo de construção de um espaço público no Brasil.

Como foi dito acima, a sustentação deste estudo são obras de Sérgio Buarque e de Freyre, que foram verdadeiros engenheiros, mestres de obras e até pedreiros desse edifício denominado Brasil. No entanto, conto também com acabamento estético dos trabalhos de Roberto DaMatta, George Avelino Filho e Robert Wegner. Na primeira parte do estudo, analiso um dos espaços intermediários entre público e o privado, que segundo Freyre representa ascensão de novo ator social: o bacharel mulato. Na segunda parte, enquadro o caro conceito de cordialidade de Sérgio Buarque. “O homem cordial em ação” no espaço público brasileiro.

2. “Meia raça”, “meio homem”: o mulato e os espaços intermediários

O Brasil começou a viver a urbanização de fato a partir do século XIX com chegada da família Real em 1808. Esse processo de urbanização atingiu primeiramente e intensamente a cidade do Rio de Janeiro, a cidade sede da corte portuguesa, depois do Império brasileiro e no final do século capital federal da República. Mas no Brasil, existiam outras cidades importantes como: São Paulo, Olinda e Recife. Essas duas últimas são laboratórios sociais preferidos de Gilberto Freyre. O autor recorda-se

da infância em Recife, onde viveu numa casa grande de engenho⁴⁸. A casa grande juntamente com a senzala seria os espaços privilegiados no primeiro trabalho do autor.

Casa Grande & Senzala de 1933, o primeiro livro de Freyre, segundo Roberto DaMatta (2003), teve três alvos explícitos. Primeiro, o rompimento com paradigma racista, corrente até então na historiografia nacional. Neste caso, Freyre opta pelo viés culturalista. Segundo, tratar de temas tabus como intimidades sexuais entre senhores e escravos, apresentando a mestiçagem como forma positiva de colonização. O terceiro alvo seria mostrar a contribuição civilizadora do negro para nossa sociedade.

Neste contexto, o espaço rural foi esmiuçado na análise de Freyre, o patriarcalismo brasileiro seria a forma dominante de organização da sociedade. Segundo o autor, a casa grande completada pela senzala, representou um modo admirável de acomodação e equilíbrio, que a incompatibilidade entre o sobrado e o mucambo veio dissolver. Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos* aborda justamente essa incompatibilidade ou antagonismo entre esses dois locais. O espaço, no entanto, é a área urbana que inicia sua ascensão no século XIX, mais precisamente no período do Brasil Império.

A urbanização do Império, a conseqüente diminuição de tanta casa-grande gorda, um sobrado magro, mas tarde até em chalé esquivo; a fragmentação de tanta senzala em mucambaria, não já de negro fugido, no meio do mato grosso ou no alto do morro agreste mas de negro ou pardo livre, dentro da cidade – fenômeno de 1830 brasileiro que se acentuou com a campanha da Abolição – tomou quase impossível o equilíbrio antigo, da época de ascendência quase absoluta dos senhores de escravos sobre todos os outros elementos da sociedade; sobre os próprios vice-reis e sobre os próprios bispos (...) (FREYRE, 2003, p. 712).

O engenho de açúcar entrou decadência no fim do período colonial e com ele segundo Freyre, a casa grande e a senzala. O patriarcalismo resiste por mais tempo, e consegue marcar de forma definitiva nossa constituição social. Para Freyre, a transferência da aristocracia rural para espaço urbano, além de modificar a organização do poder transforma também as relações de classe e raça. A complementaridade e a acomodação que existia na casa grande e na senzala não se transferiu para as cida-

⁴⁸ Em 1909 Gilberto Freyre então com nove anos de idade passou uma temporada no Engenho São Severino do Ramo, que era de seus parentes.

des. Os sobrados e os mucambos decoraram a área urbana e trouxeram a tona diferenças e os conflitos “adormecidos” na casa grande e na senzala.

Na interpretação de Freyre, a área urbana era um terreno fértil para explicação dos antagonismos abafados no espaço rural. É justamente nessa área de efervescência social, que segundo DaMatta (2003), surgiram espaços intermediários. O mulato seria a reapresentação de um desses espaços que era considerado ambíguo e marginal. Mas o mulato também foi segundo escritor pernambucano, uma força nova e triunfante dessa nova geografia: o espaço urbano. O bacharel mulato seria o primeiro ator do espaço público em formação. Ser híbrido, “meio-homem”, “meia raça”, o bacharel mulato transferiu involuntariamente essas qualificações para espaço público brasileiro.

A ascensão do bacharel ou doutor – mulato ou não – afrancesado trouxe muita fuga da realidade através de leis quase freudianas nas raízes ou nos seus verdadeiros motivos. Leis copiadas das francesas e das inglesas e em oposição às portuguesas: revolta de filhos contra pais. Mas, por outro lado, afrancesados como Arruda Câmara é que deram o grito de alarme contra certos artificialismos que comprometiam a obra patriarcal de integração do Brasil, como aqueles exagerados sentimentos de nobreza encarnados por Antônio Carlos. (FREYRE, *op. cit.*, p. 720).

Esses bacharéis mulatos, produtos da miscigenação racial, foram educados na Europa. Segundo Freyre, Portugal, França e Inglaterra forneceram o diploma de “civildade” a esses filhos muitas vezes ilegítimos do patriarcalismo brasileiro. Em alguns casos foram financiados pelos pais trabalhadores urbanos como alfaiates e as doceiras que num grande esforço participavam desse rearranjo urbano. No entanto, o autor enfatiza o difícil retorno desses bacharéis mulatos e sua conflituosa adaptação à sociedade patriarcal. (...) “Adolescentes que se europeizaram de tal modo e se sofisticaram de tal maneira que meio brasileiro, sobretudo o rural – menos europeu, mais bruto – só lhes deu a princípio nojo, enjoo físico: aquela vontade de vomitar aos olhos de que fala o pregador”. (*Ibid.*, p. 715). Neste sentido, Gilberto Freyre, o bacharel mulato sentia-se incomodado com sua posição. Não eram homens brancos, nem negros, alcançaram a sensibilidade e a cultura iluminista através dos estudos, mas sentiam-se limitados pelo modo de vida da aristocracia rural que conduziam a sociedade escravocrata.

O romantismo literário no Brasil – vozes de homens gemendo e se lamuriando até parecerem às vezes vozes de mulher – nem sempre foi o mesmo que os outros romantismos: aquela “revolta do indivíduo” contra Todo – sociedade, época, espécie – de que fala o crítico francês. Em alguns casos, parece ter sido menos expressão de indivíduos revoltados que de homens de meia-raça,

sentindo, como de meio-sexo, a distância social, e talvez psíquica, entre eles e a raça definitivamente branca ou pura; sexo definitivamente masculino e dominador. (*Ibid.*, p. 730).

O bacharel mulato sofreu, mas se readaptou aos trópicos. A sociedade patriarcal foi invadida por esse novo elemento social. A ascensão do mulato diplomado muitas vezes aconteceu pelo casamento com moça rica de família tradicional. Dessa forma, o bacharel mulato unido à família poderosa de engenho ou de fazenda, passa representar o “nervo político” desse novo tipo de organização privada. O bacharel representava um novo poder. O poder das cidades e seus homens. O bacharel mulato emprestou ao espaço público em construção suas qualidades e defeitos.

Na visão de Weber (1996) o espaço público deve ser regido pelas relações impessoais. Os ingredientes formadores da nossa esfera pública foram diferentes e conflitantes daqueles produzidos nos países protestantes. O que Freyre não vê como negativo, e sim, um produto genuinamente brasileiro. Nessa compreensão, nosso espaço público foi dominado pelos interesses pessoais, que produz relações autênticas. Um homem de “meia cor”, que pela educação também seria um “meio-homem” para tradição patriarcalista, atuou no espaço público sem uma identidade definida. O papel desempenhado pelo bacharel mulato no mundo público combinava a educação européia com aristocracia rural dos senhores de escravos. Neste sentido, Gilberto Freyre fez uma análise detalhada do bacharel mulato e sua contribuição para formação do nosso espaço público.

As roupas, os sapatos, os chapéus e até os gostos dessa “nova força triunfante” seriam traços importantes para compreensão da dimensão das transformações depositadas no mundo público pelo bacharel mulato. O exemplo do “abraço e as tapinhas nas costas”, que para o autor, mesmo que esses gestos estejam relacionados indiretamente com o passado escravocrata do papel de submissão imposto ao negro, o mulato divulgou e o transformou num ato de amizade (“cordialidade”) entre os homens. Um gesto íntimo e sempre ambicioso no espaço público. Isto é, o esforço que os indivíduos fora do espaço privado fazem para diminuir a distância pessoal aplicada pelo mundo público. O abraço depois do aperto de mão seria um dos últimos estágios de encurtamento dessas distâncias determinadas pela esfera pública.

As ruas das cidades que representariam o espaço público não tiveram a princípio seus direitos respeitados. As casas invadiam essas ruas sem cerimônias, se apropriavam delas deixando marcas da intimidade da sociedade patriarcal. Segundo Freyre, “o privatismo patriarcal, ainda nos

domina”. Para o autor, o patriarcalismo mesmo em processo de desintegração lento com a urbanização foi capaz de transbordar para a rua, para o mundo público, as relações de intimidades que ordenavam a casa. O bacharel mulato estaria com um pé na rua e outro na casa, e assim, circularia a atuaria na esfera pública.

Mas mesmo desprestigiada pela rua e diminuída nas funções patriarcais (que manteve até o centro de algumas cidades); diminuída pela matriz, pela fábrica, pelo colégio, pelo hotel, pelo laboratório, pela botica – a casa do século XIX continuou a influir, como nenhuma dessas forças, sobre a formação social do brasileiro de cidade. O sobrado, mas europeu, formando um tipo, o mucambo, mas africano ou indígena, formando outro tipo social de homem. E a rua, a praça, a festa de igreja, o mercado, a escola, o carnaval, todas essas facilidades de comunicação entre as classes e de cruzamento entre as raças, foram atenuando os antagonismos de classe e de raça e formando uma média, um meio-termo, uma contemporização mestiçamente brasileira de estilos de vida, de padrões de cultura e de expressão física e psicológica de povo (...)

(...) O brasileiro pela sua profunda formação patriarcal e pela semi-patriarcal, que ainda continua a atuar sobre ele em várias regiões afastadas, é um tipo social em que a influência da casa se acusa ecológica e economicamente em traços de maior significação. Gosta da rua, mas a sombra da casa o acompanha. Gosta de mudar de casa, mas ao pobre nada preocupa mais que comprar seu mucambo; e o rico, logo que faz fortuna, levanta palacete bem à vista da rua (...). (*Ibid.*, p. 35-6)

Roberto DaMatta (1979) analisou o funcionamento da sociedade brasileira estruturada em dois sistemas: *indivíduo* e *pessoa*. O autor elaborou a diferenciação entre indivíduo e pessoa, a partir de uma expressão significativa no universo brasileiro: “Você sabe com quem está falando?”. Segundo DaMatta, a distinção entre pessoa e indivíduo na sociedade brasileira é concreta. A nossa vertente individualizante encontra-se na nossa legislação. Isto é, a orbe dos indivíduos é formado pelo plano de impessoalidade das leis. O Estado burocrático deve ser constituído por indivíduos. O espaço público seria o terreno de atuação desses indivíduos regidos por leis igualitárias e universalizantes. No entanto, o trabalho de DaMatta apontou que essa vertente individualizante não seria para todos no Brasil. O denominado povo estaria mais próximo da esfera impessoal do mundo público. O que segundo o autor, não garantiria igualdade e justiça para todos esse indivíduos. Por que os grandes beneficiados dessa estrutura seriam as *pessoas*.

As *pessoas* eram aquelas formadas na esfera privada, protegidas pela casa e a família. Na casa e na família, o individualismo é abolido, sendo do domínio da *pessoa* essas duas esferas. Segundo DaMatta, existiriam áreas de passagem de pessoas para indivíduos na rua, no espaço

público. O trabalho, uma repartição pública seria áreas de passagem, em que as classes altas e médias tentariam encurtar a experiência de serem *indivíduos*. Ou seja, no Brasil ser considerado indivíduo seria ser considerado inferior. Um indivíduo sem identidade, sem nome, sem vantagens. É justamente nessa experiência de individualização da pessoa que surgiram os mediadores desse espaço público. Aqueles que facilitariam a circularidade das pessoas na esfera pública, tirando vantagens, utilizando as leis para o sucesso pessoal. Esses mediadores de passagem da casa para rua seriam os “pistolões”, os “patrões”, as “entidades espirituais” e “santos”, mais principalmente os padrinhos presentes no estudo de Gilberto Freyre, quando analisou a ascensão do bacharel mulato nas cidades patrocinadas pela antiga aristocracia rural.

(...) A sugestão foi a de que o Brasil fica situado a meio caminho: entre a hierarquia e a igualdade; entre a individualização que governa o mundo igualitário dos mercados e dos capitais e o código das moralidades pessoais, sempre repleto de nuances, gradações, e mercado não pela padronização e pelas dicotomias secas do preto e do branco, de quem está dentro ou fora, do é ou não é, mas permitindo mais uma diferença e uma totalidade. De fato, a sugestão é de que, no Brasil, temos os dois sistemas operando numa relação de reflexividade de um em relação ao outro, de modo que sempre confundimos mudar com oscilar de um lado para outro. E, realmente, nada mais drástico do que a passagem de mundo das pessoas ao universo dos indivíduos. É como se fossem dois mundos diversos; mas é minha pretensão saber podendo sugerir que esses dois mundos se alimentam e, ao contrário do que pode supor nosso pensamento mais linear, eles se complementam de modo complexo. É isso, novamente, o que revela o estudo detalhado do “Você sabe com está falando?” (DAMATTA, 1979, p. 191-92).

Parece-me que o mulato, em particular o bacharel mulato, seria a ilustração mais autêntica da nossa esfera pública. Ele foi educado na Europa, no centro das idéias iluministas burgueses. Remodelado pelas leis universais de igualdade, liberdade e fraternidade. Para Freyre, no Brasil, os bacharéis mulatos associados à aristocracia rural pelo casamento ou patrocínio desempenharam um papel ambíguo no espaço público. Foram os defensores dos interesses pessoais das elites rurais, mas também participaram da edificação do aparato legal: o universo impessoal das leis. A campanha pela abolição e a proclamação da República seriam exemplos concretos da atuação dos bacharéis mulatos no espaço público. Os bacharéis mulatos de Freyre foram os “meios-indivíduos” e as “meias-pessoas” apontadas na análise de DaMatta.

3. “Coisas do coração”: o homem cordial

A síntese de pensamento brasileiro está reunida em três excelentes trabalhos: o primeiro *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, de 1933, que focaliza o aspecto cultural da nossa sociedade inaugurando uma antropologia cultural. O segundo estudo é justamente aquele que palavra síntese cai melhor, *Raízes do Brasil*, pequeno em páginas para um livro que tem a pretensão de compreender o universo psicológico, material e social do nosso país. *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, de 1936, é uma análise diferente de outros estudos tradicionais que buscam a construção da nossa história. A qualidade literária e a forma que são utilizadas as fontes faz desse trabalho uma obra singular na nossa historiografia. Diferentes dos outros dois trabalhos, *Formação do Brasil Contemporâneo* de Caio Prado Jr. de 1942, realizou uma análise econômica apoiada numa interpretação marxista da nossa sociedade.

O contexto que marcou esses nove anos de fertilidade reflexiva e riqueza literária seria um tempo de crença numa possível revolução social que transformasse as estruturas políticas e promovesse o desenvolvimento nacional. A produção científica a partir desses três intelectuais inaugurou um novo período nas ciências humanas. Muitos trabalhos ditos históricos, sociológicos ou antropológicos apesar de ter esforços reconhecidos, tornaram-se obras ilustrativas sem poder de discussões profundas. O que esses três pensadores das ciências humanas construíram e ainda constroem a partir do momento que abrimos suas obras é incomparável.

No primeiro capítulo de *Raízes do Brasil*, intitulado “Fronteiras da Europa”, Sérgio Buarque analisou a diferença entre a Península Ibérica e o continente europeu. O autor sinalizou as principais características do iberismo em geral, destacando em particular o iberismo português. Dessa forma, o autor apontou os principais características da nossa herança colonial/cultural. Elementos que construíram nossa mentalidade. O culto à personalidade representa um traço mais significativos dessa herança. A valorização do indivíduo e o desprezo pelo coletivo. Neste sentido, o indivíduo era mais importante do que a sociedade. Segundo Sérgio Buarque, esses sentimentos pessoais também poderiam ser responsabilizados pela falta de ordem e frouxidão na estrutura social.

O autor defende a colonização portuguesa com seu espírito aventureiro e despojado frente a uma colonização metódica e racional que os holandeses tentaram implantar no nordeste brasileiro. Os lusitanos dife-

renciam-se também dos espanhóis quanto ao tratamento dispensado aos índios e aos escravos. Uma das singularidades da colonização não planejada portuguesa foi à tendência a fusão de raças. O autor afirma que a mistura de raças não era uma novidade para os portugueses. O próprio povo português era um povo misturado não existindo os famosos orgulhos raciais tão frequentes na Europa.

A isso cumpre acrescentar outra face bem típica de sua extraordinária plasticidade social: a ausência completa, entre eles, de qualquer orgulho de raça. Ao menos de orgulho obstinado e inimigo de compromissos, que caracteriza os povos do norte (...). (HOLANDA, 1995, p. 53).

Sérgio discutiu duas questões importantes sobre a herança ibérica na formação da identidade do brasileiro. Primeiro refere-se ao mundo do trabalho. A divisão entre o trabalho intelectual e manual, sendo mal vista esta segunda atividade. O preconceito pelas atividades físicas permanece até os dias atuais. A construção de uma inteligência ou de um espírito erudito estético, sem a capacidade de produção de um conhecimento criativo e especulativo. Enfim, um conhecimento enciclopédico.

A segunda questão importante trabalhada por Sérgio Buarque de Holanda diz respeito a configuração do nosso espaço público. Uma questão vital para compreendermos as relações sociais que imperam no Brasil. O autor analisou as estruturas sociais que se formaram no “espaço público brasileiro”. Isto é, a sociedade brasileira se formou baseada em laços pessoais ou relações sanguíneas e tendo uma certa identificação pelo afrouxamento das regras de sociabilidade. Enfim, a sociedade brasileira teve como base os princípios da intimidade. A família patriarcal é a expressão máxima dessas representações pessoais que imperam no espaço público brasileiro.

Na análise de Sérgio Buarque, a cordialidade do povo brasileiro foi constantemente interpretada erradamente pela historiografia. Para o autor, o homem cordial seria aquele que atua, principalmente no espaço público, pela emoção e sentimentos do coração. É errôneo pensar a cordialidade como bondade e passividade, a cordialidade pode apresentar uma agressividade camuflada pela sutileza dessa concepção. Os laços de sangue que marcam essa bondade são determinados pela continuidade do espaço privado. Quando temos esse homem brasileiro inserido no espaço público, ele realiza um esforço intenso de resgate das relações familiares ou privadas e quando não for possível estabelecê-las, sua atuação no espaço público é marcada pela indiferença e violência. A cordialidade não seria sempre sentimentos positivos, a raiva, o rancor como o amor sur-

gem no coração, enfim são “coisas do coração”. A cordialidade não significaria boas maneiras ou civilidade. Pelo contrário, o homem cordial brasileiro seria o indivíduo governado pela emoção e sentimentos. O homem cordial não teria desenvolvido o autocontrole tão importante no processo civilizador de Norbert Elias (1993).

George Avelino Filho (1990) considera o conceito de cordialidade como principal chave interpretativa do trabalho de Sérgio Buarque. O homem cordial segundo Avelino Filho, seria a síntese do processo de colonização realizado pelos portugueses no Brasil. O homem cordial é o homem das “coisas do coração”, é um homem doméstico. E esse ambiente doméstico o acompanha até na esfera pública. E quando Avelino Filho afirma que “o privado transborda para o público”. A dimensão desse transbordamento seria sentida até no mundo dos negócios. Um lugar determinado pelas relações impessoais, que no Brasil, o papel de cliente estaria entrelaçado com a posição de amigo. Segundo Sérgio Buarque, seria muito difícil estabelecer relações de qualquer natureza que não orientada por uma “ética de fundo emotivo”. O que criaria uma grande dificuldade para fundar uma empresa no país pelos estrangeiros não conhecedores dessa realidade singular.

Um negociante de Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo. (HOLANDA, *op. cit.*, p. 149).

Assim, o Estado Nacional no Brasil não seria reconhecido como um espaço de manifestações coletivas, e sim, uma continuidade da estrutura familiar, que fortalece um espírito pessoal egoísta frente a qualquer possibilidade de relações solidárias. O mundo público é ocupado por uma contagiosa intimidade que enfraquece o poder estatal. Neste sentido, a formação da burocracia estatal ganhou uma nova concepção no território brasileiro. A burocracia ligada às formas de atraso ou impedimento do funcionamento do trabalho público. O funcionalismo público e seu ficaram também condicionados pela gerência pessoal. Para Sérgio Buarque:

No Brasil, pode dizer-se que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos e fundados nesses interesses. Ao contrario, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi duvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. (*Ibid.*, p. 146).

Segundo Avelino Filho, a instituição de um Estado burocrático esbarraria na incapacidade de abstração produzida pela socialização no âmbito familiar. Para existência de uma organização estatal baseada num modelo burocrático seria necessário adotar normas rígidas e impessoais. A legitimidade desse Estado burocrático dependeria da absorção de um princípio racional e abstrato acima de qualquer vontade pessoal. Neste sentido, para edificar este Estado, haveria de romper com a mentalidade familiar, núcleo da cordialidade como: o ruralismo, o horror as hierarquias, a força das relações familiares, já eram um produto dos colonizadores portugueses.

(...) A cordialidade é o resultado direto da materialização da "cultura da personalidade" na colônia; é somente com o processo de urbanização que a cordialidade, junto com a influência ibérica, começa a enfraquecer-se. Herança ibérica, ruralismo e cordialidade são coisas que andam juntas (...) (AVELINO FILHO, 1990, p. 8).

Avelino Filho, analisou também o conceito de civilidade contrapondo-o a concepção cordialidade. A civilidade seria estruturada pelas relações impessoais e racionais. Para Avelino Filho, Sérgio Buarque serviu-se da noção de civilidade de duas formas. A primeira nos padrões weberianos, onde o processo de racionalização e impessoalização das relações humanas conduziriam a civilidade. Neste sentido, a cordialidade estruturada nas relações humanas mais emotivas, intensas e menos abstratas seria o oposto. A outra forma de analisar a contraposição entre cordialidade e civilidade seria verificar a incompatibilidade entre democracia e cordialidade. A socialização dentro da família patriarcal criaria indivíduos constituíram uma visão de mundo através de princípios afetivos, não sendo capazes de abstrair as leis impessoais que regem o Estado burocrático.

Segundo Avelino Filho, a civilidade não seria apenas o produto da impessoalidade, mas fundamentalmente a qualidade de existência do político e de uma sociedade democrática. Para Sérgio Buarque, o processo de urbanização ocorrido no Brasil do século XIX, não transformou a nossa cultura patriarcalista. Segundo José Murilo de Carvalho (1990), essa sociedade extremamente desigual, ainda sob forte influência escravocrata, teria no Estado Republicano, uma porta à não exclusão ao mundo público. Nas palavras de Carvalho: "A inserção de todos eles na política se dava mais pela porta de Estado do que pela afirmação de um direito de cidadão. Era a inserção que se chamaria com maior precisão de cidadania." (*Ibid.*, p. 29). Ou seja, as cidades representam a continuidade do poder exercido no campo, alguns homens utilizaram a máquina estatal

como instrumento de representação dos seus interesses privados. No Brasil, o espaço público seria identificado como estatal. Segundo Avelino Filho, Sérgio Buarque estaria até inclinado para uma alternativa autoritária com o objetivo de estruturar a sociedade brasileira nos moldes de civilidade.

Assim, Sérgio detecta a distância entre o “Brasil real” e o “Brasil legal”. Todavia, a sua postura não-ideológica traduz-se no caráter aberto do livro e, como venho tentando provar, na sua riqueza. Sérgio se abre inclusive para uma saída autoritária. O autoritarismo encarregar-se-ia de forjar um novo tipo de cultura mais afetivo à civilidade. Mas, ao considerar a desagregação da herança ibérica com a perda de espaços do ruralismo, ele prefere apostar no diverso, no movimento e na observação do desenrolar da crise que identificou. Além do mais, seria difícil concretizar este tipo de “autoritarismo iluminado”, cujos dirigentes não poderiam estar ligados à cultura cordial. (AVELINO FILHO, *op. cit.*, p. 12).

Para Sérgio Buarque, aversão do brasileiro ao ritualismo criou até na esfera religiosa uma relação de frouxidão e intimidade. No catolicismo, a intimidade chegaria ponto de tratar os santos de uma forma quase desrespeitosa. Ao utilizar os diminutivos da língua, criam-se relações domésticas com entidades religiosas. Santa Teresinha é um bom exemplo desse ambiente de intimidade na esfera religiosa, como também o culto ao Menino Jesus. A religião, principalmente a católica, esteve dentro da casa patriarcal. Em muitos casos, as capelas ou igrejinhas estavam inseridas nas casas grandes, os ritos religiosos eram estruturados também pelas relações afetivas. Segundo Sérgio Buarque, uma religiosidade de superfície, onde o culto religioso não impõe nenhum sacrifício, ou esforço de contenção das emoções.

Uma religiosidade de superfície, menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias de que ao colorido e à pompa exterior, quase carnal em seu apego ao concreto e em sua rancorosa incompreensão de toda verdadeira espiritualidade; transigente, por isso mesmo que pronta a acordos, ninguém pediria, certamente, que se elevasse a produzir qualquer moral social poderosa. Religiosidade que se perdia e se confundia num mundo sem forma e que, por isso mesmo, não tinha forças para lhe impor sua ordem. Assim, nenhuma elaboração política seria possível senão fora dela, fora de um culto que só apelava para os sentimentos e os sentidos e quase nunca para a razão e vontade. Não admira pois, que nossa República tenha sido feita pelos positivistas, ou agnósticos, e nossa Independência fosse obra de maçons. A estes se entregou com tanta publicidade nosso primeiro imperador, que de fato chegaria a alamar o próprio príncipe de Metternich, pelos perigosos exemplos que encerrava sua atitude. (HOLANDA, 1995, p. 150).

Em resumo, o primeiro eixo de argumentação de Raízes do Brasil diz respeito ao legado ibérico. Esta herança seria essencialmente a versão

católica para o mundo do trabalho profundamente marcado pela Contra-Reforma e o tradicionalismo. O segundo eixo, diz respeito à cordialidade que ofusca a intenção de construir um espaço público no Brasil. A cordialidade mesmo com o “fim do domínio patriarcal” não encontrou na cidade a civilidade e as relações impessoais. Dessa forma, a concepção de revolução para nós assume uma dinâmica lenta e segura mais próxima de uma reforma.

Para Robert Wegner (2000), esses dois eixos por serem paralelos não se encontram. A oposição desse modelo é sintetizada a partir de americanismo x iberismo / cordialidade x civilidade. Ou seja, do iberismo não pode surgir algo compatível com o americanismo, da cordialidade não surge à civilidade. Sobre o tradicionalismo brasileiro, Wegner assinala que Sérgio Buarque constrói um tipo ético que representa a racionalidade da cultura brasileira. Neste contexto, a importância do legado ibérico para construção da personalidade brasileira. Segundo Wegner interpretando Sérgio Buarque:

O fato de o Brasil recebido esse legado de uma nação ibérica – uma “zona fronteiriça”, “indecisa entre a Europa e África” – lhe dará um caráter peculiar, menos carregado de “europeísmo” ainda que este constitua um patrimônio seu. (*Ibid.*, p. 30).

O traço mais marcante dessa herança ibérica seria o desenvolvimento exacerbado da cultura da personalidade, a promoção da independência pessoal, onde cada indivíduo não precisa do próximo. Sérgio Buarque na sua construção da cultura brasileira destacou o espírito aventureiro do português que significava o “elemento orquestrador” da colonização do Brasil. Neste caso:

(...) Ao aventureiro interessa apenas o objetivo final de seus esforços, dispensando os processos intermediários para alcançá-lo. No dizer de Sérgio Buarque “seu ideal seria colher o fruto sem plantar a árvore. (*Ibid.*, p. 31)

Esse espírito aventureiro permite compreender a relação que o português estabelece com a terra. A adaptação dos portugueses à terra ocorreu de forma passiva, eles aceitavam “desígnios da natureza” não tendo a intenção de ordenar o espaço físico. “espírito de vontade e oposição à natureza”. Wegner resume o tradicionalismo brasileiro da seguinte forma:

(...) o tradicionalismo brasileiro está associado à aventura e à ausência de ordenamento do “self”, este permanecendo diretamente ligado aos impulsos do coração, sem intermediação de princípios gerais. De forma esquemática, essa situação corresponde, de um lado, à ausência de trabalho sistemático e ao

amor ao ócio antes que o negócio e, de outro, à dificuldade da formação de uma esfera pública e de ordenamento social por regras abstratas. (*Ibid.*, p. 38).

4. Considerações finais

Ao longo deste trabalho procurei apontar as raízes do espaço público no Brasil através de duas obras clássicas da historiografia brasileira. Gilberto Freyre com *Sobrados e Mucambos* e Sérgio Buarque de Holanda com *Raízes do Brasil* sinalizavam importantes questões sobre a configuração do espaço público brasileiro. Gilberto Freyre através do estudo sobre o bacharel mulato ilustrou positivamente que o *meio processo* na verdade representa uma alternativa para rígida polaridade entre o privado e o público. Segundo Gilberto Freyre, não ficamos no meio caminho, e sim, criamos um novo itinerário localizado numa esfera tão pública como privada. O estudo de Freyre tem muitos flancos abertos para críticas e restrições, no entanto, considero que o pensamento deste autor fornece boa munção para uma reflexão mais otimista da nossa história.

Sérgio Buarque de Holanda apresentou o mundo do qual somos herdeiros. O mundo polarizado, o bem e o mal, o trabalhador e o doutor, o campo e a cidade, a esfera domestica invadindo o espaço público, o indivíduo superior ao coletivo. Esses e outros contrários formam nossa identidade singular e a nossa complexa cultura. *Raízes do Brasil* é uma obra que promove sempre novas discussões de diferentes intensidades. O homem cordial de Sérgio Buarque é homem dos sentimentos do coração. É tão amoroso como também pode ser vingativo, sentimentos como o amor e ódio são “coisas do coração”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELINO FILHO, George. Cordialidade e civilidade em *Raízes do Brasil*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 12, v. 5, fev. de 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DAMATTA, Roberto. O Brasil como morada – Apresentação para sobrados e mucambos. In: FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 14. ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol. I: Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2 vols. 1954.

_____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 14. ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1996.

WEGNER, Robert. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.